

Cinema de Arte

promoção
organização
direção
do

Walter
da
Silveira

Clube de Cinema da Bahia

26 - Março - 1966

"A TRAPAÇA"

("Il Bidone")

FICHA TÉCNICA

Realização — Federico Fellini

Argumento e roteiro — Fellini, Tullio Pinelli e Ennio Flaiano

Fotografia — Otello Martelli

Cenografia — Dario Cecchi

Música — Nino Rota

Montagem — Mario Serandrei

Interpretação — Broderick Crawford (Augusto), Richard Basehart («Picasso»), Franco Fabrizi (Roberto), Giulietta Masina (Iris)

Produção — Titanus, 1955

Quando Federico Fellini realizou «Il bidone», aos 35 anos, já era um cineasta famoso; em plena glória, embora não tanto como viria a ser depois de «La dolce vita», a partir de 1959.

Fôra assistente de Roberto Rossellini, colaborador de Alberto Lattuada e Pietro Germi, em 1950 passara à direção com «Mulheres e luzes». Em seguida, nenhum filme efêmero, todos profundamente admirados: «Abismo de um sonho» (1952), «Os boas-vidas» (1953), «A estrada da vida» (1954).

Posteriormente, viriam, além de «A doce vida», «As noites de Cabiria» (1956), o episódio «Le tentazione del dottore Antonio» da «Boccaccio 70» (1961), «Oito e meio» (1962).

Exceto Chaplin, qual dos grandes cineastas vivos com a sua notoriedade?

Uma notoriedade justa. Porque Fellini tem esta admirável condição do autêntico homem de cinema: atinge todo o público. Não pensa ou escreve ou dirige apenas para uma minoria.

Na realidade, é mesmo um cineasta que pensa, escreve e dirige, quer dizer: um autor total. Seus filmes nascem de estórias suas, ainda que em colaboração com seus co-argumentistas habituais: Pinelli e Flaiano. E têm um espírito e uma linguagem comuns. Isto é: um estilo de pensamento e de forma que os reúne e identifica todos. Não seria audacioso demais dizer que há nêles uma filosofia de vida, uma concepção existencial.

Como «A trapaça» o revela.

Houve quem visse em Fellini um revolucionarismo, que o situaria numa esquerda ideológica. Também quem apontasse um moralismo cristão, que o colocaria num plano espiritualista. Sempre uma polêmica em torno de sua verdadeira posição: neo-realista?; negador do neo-realismo?

Na verdade, um inquieto, um insatisfeito, um temperamento vulcânico. Sem dúvida, capaz de suscitar problemas em seus filmes, deixá-los em fogo para o público e a crítica. Afinal, por exemplo, qual o legítimo significado de «Oito e meio»?

Aqui, em «Il bidone», a problemática é ainda ética, mais ética talvez do que em todos os outros filmes fellinianos. Um bando de vigaristas se faz passar por bondosos clérigos para extorquir as miseráveis economias de ingênuas pessoas do povo. A pintura é verista, mas esconde um certo simbolismo social. Na aparência, o drama é quase banal. Na profundidade, complexo e denso. Sobretudo por seu final alegórico, que, como em toda a obra de Fellini, ilumina e esclarece o sentido mais íntimo da estória, lhe dá uma conclusão de fábula.

Para tudo resumir: em «Il bidone» se experimenta e se proclama de novo aquela qualidade humana que Fellini reputa a maior de todas, o amor ao próximo. E' ela que redime, ainda que tragicamente, os trapaceiros.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS

«A um passo da liberdade», de Jaques Becker

«Quando voam as cegonhas», de Mikhail Kalatozov

«Sede de sangue», de Yoshida Yoshishise

«Sabotage», de Alfred Hitchcock